

HISTÓRIA DE BUSCAS

Paulo Fernando de Moraes Farias¹  

University of Birmingham

A fundação do Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) fez parte da efervescência na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e em outras dimensões culturais de Salvador na década de 1950. Aquela ambiência e *Zeitgeist*, bem captados pela perspicácia do primeiro Diretor do CEAO (de setembro de 1959 a dezembro de 1961), George Agostinho da Silva, estimularam a maneira audaciosa como foi selecionado o quadro de pessoal da nova entidade.

Naquele trabalho de criação do CEAO entrecruzaram-se diferentes tipos de buscas.

A África e a Ásia eram áreas do mundo pouco exploradas pela educação universitária formal disponível na Bahia. Uma boa dose de autodidatismo foi, portanto, necessária a várias das pessoas buscadas por Agostinho para o CEAO. Quando estas tinham já um passado de trocas de profissão e autodidaxia, Agostinho parece ter visto isso não como problema, mas como vantagem.

Mas, desde o princípio, o CEAO nutriu a ideia de que pesquisadores seus deveriam buscar oportunidades de especialização em estudos africanos na própria África, inclusive estudando em universidades africanas, como foi o caso de Yeda Pessoa de Castro e Julio Santana Braga. Ambos fizeram pesquisas no continente africano já na década de 1960 e depois se doutoraram na Universidade Nacional do Zaire – ela, em 1976, com uma tese sobre os falares africanos na Bahia; ele, em 1977, com uma tese sobre o jogo de búzios no candomblé da Bahia. Eu próprio fiz, no Institute of African Studies da Universidade de Gana, estabelecido em 1962, um mestrado de dois anos (1964-1966) baseado em

1 Honorary Professor, Department of African Studies and Anthropology, University of Birmingham, Reino Unido.

pesquisa original, que envolveu trabalho de campo no Saara ocidental em companhia de peritos do Institut Fondamental d’Afrique Noire (IFAN) de Dakar e da Universidade de Nouakchott.² Minha tese de mestrado versou sobre os Almorávidas, movimento político-religioso do século XI.³

Enquanto isso, na Bahia, o pessoal recém-recrutado para o CEAO buscava já, através de leituras e consultas, equipar-se melhor para as tarefas africanistas que estavam assumindo sem treino prévio. Minha experiência *in loco* dessa fase da vida do CEAO foi curta. Durou de pouco antes do fim da gestão de Agostinho até o começo da ditadura, em abril de 1964. Ainda assim, foi um período que me marcou. Ofereceu-me a oportunidade de trabalhar em equipe com um grupo de pessoas estudiosas que tinham diferentes posições ideológicas, mas que estavam todas empenhadas em melhor capacitar-se para as tarefas de pesquisa e ensino que o CEAO contava realizar.

Vivaldo da Costa Lima, que se formara em odontologia na UFBA, mas trocara essa profissão pelo estudo e vivência do candomblé, foi o primeiro que partiu para a África (em dezembro de 1959, durante a gestão de Agostinho da Silva). Foi ele um dos Leitores em português do Brasil e literatura brasileira enviados pelo CEAO a universidades africanas como parte de uma estratégia de aproximação.⁴ Exerceu o leitorado na Universidade de Ibadan e na Universidade de Gana. Atuou também como Adido Cultural na embaixada do Brasil em Gana. Vivaldo era um entusiasta do trabalho de campo e tudo aquilo lhe deu oportunidade de viajar através da

2 Conforme estipulado no programa do M.A. Degree in African Studies publicado pelo Institute of African Studies da Universidade de Ghana em março de 1964, ao final do curso de dois anos o candidato devia submeter-se a um exame escrito e defender uma tese de aproximadamente 25.000 palavras contendo pesquisa original (p. 2).

3 Ver P. F. de Moraes Farias, “A Reforma de Ibn Yasin”, *Afro-Ásia*, v. 2-3 (1966), pp. 37-58, [DOI](#); P. F. de Moraes Farias, “The Almoravids: Some Questions Concerning the Character of the Movement During its Periods of Closest Contact with the Western Sudan”, *Bulletin de l’I.F.A.N.*, série B, v. 29, n. 3-4 (1967), pp. 794-878.

4 Outros foram Pedro Moacir Maia, enviado à Universidade de Dakar, Senegal, onde permaneceu de 1961 a 1970, e Guilherme de Souza Castro, enviado à Nigéria, à Universidade de Ifé (1962-1963 e 1969-1971).

região realizando pesquisas antropológicas. Ao mesmo tempo, buscava maneiras de facilitar a vinda de colegas como eu às universidades de lá.

Eu me formara em medicina também na UFBA. A minha transição da medicina ao estudo da história africana às vezes causa certa surpresa a observadores generosos, porém menos acostumados a metamorfoses, como a minha e a de Vivaldo. Um deles me descreveu como “um médico brasileiro que se transformou em detetive de fatos históricos”.⁵ Na verdade, essa minha transmutação foi mais complicada e se fez em várias etapas na Bahia e na África.

De 1954 a 1959, a maior parte do meu tempo diurno esteve ocupada pelo meu curso de medicina. Para ganhar independência financeira, busquei um trabalho que pudesse ser exercido sobretudo no turno noturno. Como desde cedo dedicava grande atenção à história do Brasil e à história mundial, tornei-me professor de história no ensino secundário estadual, dando aulas em dois colégios públicos, o Colégio Central e o Colégio Severino Vieira. Naquela época, as faculdades de filosofia ainda não tinham produzido um número de professores suficiente para substituir os advogados, médicos e engenheiros, que tradicionalmente formavam a maioria do professorado nos colégios públicos. O Ministério da Educação realizava “Exames de Suficiência” para recrutar professores suplementares. Fui aprovado em um desses exames, e também em concurso para o ensino estadual (em 1960, tendo terminado o curso de medicina, eu faria vestibular de história na Faculdade de Filosofia da UFBA, reconhecendo que necessitava enriquecer e completar lá a minha formação de historiador e professor).

O ensino público estadual tinha muito boa reputação e muitos estudantes talentosos. (Foi em uma sala de aula que conheci o artista e futuro museólogo Emanuel Araújo, por exemplo). Além disso, o Central conservava algo do papel de centro de difusão de cultura geral extracurricular que desempenhara antes de 1946, quando a UFBA ainda não tinha sido constituída. No seu Salão Nobre e Auditório, eram realizadas

5 Charlie English, *The Book Smugglers of Timbuktu*, Londres: William Collins, 2018, p. 317.

palestras e exibidos filmes de grande interesse cultural. Lembro-me bem de uma memorável fala lá pronunciada, por volta de 1962, por Luiz Carlos Maciel, na época professor da Escola de Teatro da UFBA.

O Central não estava imune à efervescência intelectual que tinha lugar na UFBA e em outras áreas da vida soteropolitana. Glauber Rocha e sua irmã, Anecy Rocha, Calasans Neto, Fernando da Rocha Peres e Paulo Gil Soares estudaram no Central e com colegas seus lá organizaram, em 1956 e 1957, as *Jogralescas*, notável espetáculo de poesia teatralizada.

Eu me sentia também ligado ao colégio por laços de família. Meu avô, Gelásio Farias, fora catedrático de latim e Diretor do Central e, com o colega Francisco da Conceição Menezes (catedrático de história), escrevera a história da instituição.⁶ Meu tio, Hamlet Farias, fora professor de química no colégio. Um dos meus projetos era fazer concurso para catedrático de história do Central.

Os debates em sala de aula com os estudantes que frequentavam os cursos Clássico e Científico do Central geravam um convívio intelectual já de nível universitário, que fazia avançar as ideias tanto dos professores quanto dos alunos. Dois saudosos participantes dessas discussões deixaram testemunho disso. Carlos Nelson Coutinho, que viria a tornar-se o grande intérprete brasileiro do marxismo de Antonio Gramsci, escreveu que foi em minhas aulas que ele primeiro ouviu falar de Gramsci.⁷ O poeta Waly Salomão, em declarações feitas a Antonio Risério, disse coisa semelhante.⁸ E eu relembro com gratidão o caráter instigante daquelas discussões e interrogações.

Agostinho da Silva parecia ter antenas para identificar possíveis futuros membros do CEAO em variadas áreas da vida baiana. Extremamente importante entre essas suas escolhas foi a do professor de geografia

6 G. de Abreu Farias e F. da Conceição Menezes, *Memória História do Ensino Secundário Oficial na Bahia durante o primeiro século, 1837-1937*, Salvador: Imprensa Oficial do Estado, 1937.

7 Carlos Nelson Coutinho, *Intervenções*, São Paulo: Cortez Editora, 2006, pp. 166; 172.

8 Antonio Risério, *Avant-Garde na Bahia*, São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 1995. Ver a legenda da foto de Waly Salomão no álbum no fim do livro.

Waldir Freitas Oliveira, recrutado inicialmente para o Setor de Informação e Intercâmbio do CEAO, e, posteriormente, segundo Diretor da instituição (de fins de 1961 a 1972), quando se revelaria notável continuador da obra de Agostinho, assegurando a sobrevivência do CEAO em difíceis circunstâncias, além de ter fundado a revista *Afro-Ásia*. Lembro-me dele com afeto e admiração. Ele foi incansável na preparação da minha ida à Universidade de Gana e seu comportamento em relação a mim em plena ditadura foi sempre digno. Ajudou-me o quanto pôde.

Até hoje, não sei exatamente que pistas teve Agostinho de que eu fosse recrutável para o CEAO. Quando ele primeiro me contactou, em fins de 1961, eu era colega do filho dele, Pedro Agostinho, na antiga Faculdade de Filosofia da UFBA, na Avenida Joana Angélica. Tínhamos chegado ao segundo ano do nosso curso de história. Imagino que aquele primeiro contato pode ter resultado de conversas entre o pai e o filho. Lembro-me também de que Waldir Freitas Oliveira gostara de um artigo que eu tinha publicado, na imprensa estudantil, a respeito da crescente disputa fronteira entre a China e a Índia. Mas não sei se Waldir e Agostinho jamais conversaram sobre aquele artigo.

Um belo dia, recebi em casa um inesperado telefonema de Agostinho. Explicou-me que queria conversar comigo. Em vez de convidar-me ao seu gabinete no CEAO, disse cortesmente que gostaria de visitar-me em casa. Veio ver-me na tarde seguinte.

Sem rodeios, contou-me que iria em breve deixar a diretoria do CEAO e que gostaria de que eu fosse coordenar o setor de estudos e pesquisas históricas que ainda não havia sido estabelecido lá. A gentileza e inteligência de Agostinho, e a grande sinceridade que dele emanava, faziam dele um homem extremamente persuasivo (nisto, eu o comparo ao educador Paulo Freire, que eu viria a conhecer logo depois). Apesar disso, pressentindo a súbita mudança de rumo de vida e o longo aprendizado que a aceitação daquela proposta me acarretaria, eu hesitei em concordar com Agostinho. Além do mais, eu mantinha uma atitude de desconfiança em relação a certas ideias bastante disseminadas durante o curto governo de

Jânio Quadros⁹ e mesmo depois, que proclamavam uma pretensa vocação natural do Brasil a assumir a posição de líder das “jovens nações” independentes da África, em nome de uma suposta ausência de racismo em nosso país.¹⁰ Eu queria saber mais sobre a atitude de Agostinho nessa questão. Acabei aceitando o que ele me propunha, pois ele não me deixou dúvidas de que eu teria plena liberdade no CEAO para continuar desenvolvendo minha visão crítica da sociedade.

Eu me recusava terminantemente a acreditar no mito da democracia racial em nossa terra. Mas acreditava, como ainda acredito, que o estudo das contribuições do continente africano à história mundial era uma das armas mais poderosas contra o racismo herdado da exploração de pessoas escravizadas. Na Universidade de Gana, minha escolha dos Almorávidas como tema de tese de mestrado refletiria justamente o fato de que aquele movimento, nascido na região onde convergem a África bérbere e a África negra, foi entre outras coisas um movimento de ideias, e efetuou uma poderosa intervenção africana na história político-religiosa da Europa. Eu estava também convicto de que o fim do colonialismo na África e no Oriente era uma importante e positiva alteração da geopolítica mundial, e deveria ser atentamente estudado. Em suma, minha adesão ao CEAO resultou de que minhas reflexões estavam radicadas em uma posição política de esquerda.

Fui trabalhar no CEAO a princípio em caráter voluntário, sem remuneração.

Embora meus interesses pessoais de pesquisa estivessem voltados para os estudos africanos, como coordenador do Setor de Estudos e Pesquisas Históricas, busquei fazer contatos preliminares tendo em vista futuros programas de estudos orientais. Evidência indireta disso é uma carta minha escrita anos depois (1975), já a partir da Universidade de Birmingham, ao sinólogo britânico Joseph Needham – um sumário da qual

9 Jânio Quadros renunciaria à presidência da república em 25 de agosto de 1961.

10 Sobre essas ufanistas ilusões de grandeza, ver José Flávio Sombra Saraiva, *O lugar da África*, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996, pp. 89-96.

está preservada nos papéis de Needham e permanece acessível na internet.¹¹ Nela, eu faço referência aos contatos que mantivera com ele na década de 1960 a partir do CEAO, a respeito de como iniciar um programa de estudos sobre a China. Ele me enviara naquela época uma detalhada bibliografia em línguas européias, além de uma lista de dicionários e gramáticas que seriam úteis ao estabelecimento de um futuro curso de língua chinesa.

Meus esforços para aprender mais sobre a África gozaram do apoio gentil e eficaz do grande Pierre Verger, que me ofereceu valiosas referências sobre documentos disponíveis na Bahia, e discutiu comigo as complexidades do clássico *The History of the Yorubas*, de Samuel Johnson. Vivaldo Costa Lima me enviou da África um livro publicado por J. D. Fage.¹² Naturalmente, eu me interessava muito pelos países africanos onde se tinham originado as heranças africanas do Brasil. Mas, ao mesmo tempo, as grandes dimensões do continente, a riqueza e variedade das línguas africanas, das literaturas africanas orais e escritas, e da arte africana em geral, tornavam patente que para aprender sobre a África seria indispensável considerá-la também como um todo, e dedicar atenção às suas regiões sem laços culturais diretos com o Brasil.

Certos textos foram particularmente úteis a esse alargamento da minha abordagem da história africana. Na Bahia daquela época, além dos livros disponíveis em livrarias e bibliotecas, era possível importar publicações francesas e italianas através da Maison de France, dirigida pelo cônsul Raymond Van der Hagen, e pela Casa d'Italia, dirigida pelo professor Romano Galeffi. Várias dessas publicações ofereciam informações sobre a África e a descolonização. Uma delas foi *L'Afrique noire occidentale et centrale*, uma introdução à geografia e história dessas regiões publicada em Paris (1958) pelas Éditions Sociales. O autor, Jean Suret-Canale, militante do Partido Comunista Francês e membro da Resistência francesa à invasão nazista, ensinara no Lycée Van Vollenhoven, em Dakar.

11 Letter from P.F. de Moraes Farias of the University of Birmingham. Acessível através do link: [☑](#)

12 J. D. Fage, *Ghana: a Historical Interpretation*, Madison: University of Wisconsin Press, 1961.

Por suas atividades anti-colonialistas, o governo colonial o expulsara do país. Após a independência da Guiné-Conakry, em 1958-1959, ele se transferiu a esse país como professor no Lycée Classique (Conakry) e, em seguida (1961), como diretor do Institut National de Recherches et de Documentation de Guinée (INRDG, também em Conakry). Em 1962, tornou-se diretor da École Normale Supérieure de Kindia. Uma colaboração se desenvolveu entre ele e o notável historiador guineano Djibril Tamsir Niane, que se tornaria internacionalmente famoso com o livro *Soundjata ou l'épopée Mandingue*, cuja publicação em Paris, pela editora Présence Africaine (1960), inaugurou uma nova era no estudo das tradições orais da África Ocidental. Uma área daquela colaboração foi a revista *Recherches Africaines – Études guinéennes (nouvelle serie)*, publicada trimestralmente pelo INRDG. Outra foi a *Histoire de l'Afrique Occidentale* (Paris: Éditions Sociales, 1961) juntamente organizada por Suret-Canale e Niane. Eu lera o livro de Suret-Canale antes da fundação do CEAO. Quando já trabalhava neste, consegui obter pela Maison de France e ler de uma assentada o *Soundjata* de Niane e vários números avulsos de *Reserches Africaines*. Tais “bricolagens” de leituras foram estágios (para mim memoráveis) de minha primeira educação como africanista.¹³

Um fio condutor originado no CEAO daquele tempo une os trabalhos que tenho publicado através dos anos, desde meu artigo sobre os Almorávidas em *Afro-Ásia* (1966) até minhas publicações mais recentes, e passando por minha investigação do tratamento das noções de espaço e tempo nas inscrições árabes do Sahel e da noção de história na literatura de Tombuctu.¹⁴ Esse fio condutor é a cuidadosa atenção à história intelectual da África. Continua sendo uma arma contra o racismo, tanto no Brasil quanto em muitas outras partes do mundo.

doi: 10.9771/aa.v0i70.65815

13 Djibril Tamsir Niane e eu nos tornaríamos amigos após convivermos em Dakar, no Institut Fondamental d'Afrique Noire, em 1966-1967.

14 Sobre essas noções, ver: Paulo Fernando de Moraes Farias, *Arabic Medieval Inscriptions from the Republic of Mali – Epigraphy, Chronicles, and Songhay-Tuareg History*, Oxford: Oxford University Press for The British Academy, 2003. Acessível pela internet através do link [🔗](#).